

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UM SURDO NA MUNICÍPIO DE CAXINGÓ NO PIAUÍ

Hielly Sales Dias (1)

Dalva de Araujo Menezes (2)

*Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba - FAESPA, hiellysales@hotmail.com; Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba - FAESPA, dalva.araujophb@gmail.com*

**Resumo:** O presente estudo situa-se na área da Educação Especial trazendo como tema central O Processo de Alfabetização de um Surdo na Município de Caxingó no Piauí. A pesquisa analisa aspectos relevantes como: educação, história dos surdos, educação dos surdos no mundo e no Brasil, Libras, Educação Bilíngüe e as metodologias na alfabetização dos surdos, objetivando analisar o processo da alfabetização de um surdo em uma escola da rede estadual de Caxingó, estudar a Língua Brasileira de Sinais, analisar os métodos didáticos utilizados no processo de alfabetização em Libras de um surdo. A pesquisa inicialmente bibliográfica, veio a campo desenvolvida no município de Caxingó e contou com a participação de uma professora da educação especial que trabalha com a alfabetização de surdos e com um aluno surdo do qual foi o estudo de caso desse trabalho. Alguns autores imprescindíveis embasaram a concretização teórica do trabalho: Brasil (2010), Buísson (1943), Carmo (1991), Capovilla (2001), Goldfeld (2002) dentre outros de igual importância para realização desse estudo. Após a realização da pesquisa, conclui-se que a alfabetização dos surdos na município ainda encontra-se um pouco distante da realidade desejada, na qual são necessárias muitas mudanças.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Educação. Libras. Surdo.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como campo de atuação a modalidade da Educação Especial centralizando o tema: O Processo de Alfabetização de um Surdo na Município de Caxingó no Piauí. A Educação Nacional vem sofrendo muitas alterações e a visão da Educação Especial também e assim a sociedade vem buscando se adequar a isso.

Sendo assim os objetivos que direcionam esse trabalho, desde a elaboração do questionário até a pesquisa de campo buscaram analisar o processo da alfabetização de um surdo em uma escolas da rede estadual de Caxingó e investigar quais são as metodologias utilizadas pelo professor da sala de Atendimento Educacional Especializado. Os objetivos propostos foram, geral: analisar o processo da alfabetização de um surdo em uma escola da rede estadual. E específicos: estudar a Língua Brasileira de Sinais, analisar os métodos didáticos utilizados no processo de alfabetização em Libras e reconhecer a importância do lúdico no ensino da Libras.

Para concretização desta pesquisa efetivou-se dois momentos, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo que foi realizada com a colaboração de uma professora de

uma sala de Atendimento Educacional Especializado da rede Estadual da município de Caxingó e seu aluno surdo. Ela respondeu o questionário sem muita dificuldade. Questionário este contido com perguntas diretas a respeito dos processos utilizados com o aluno, dentre as perguntas destacam-se: Você tem alguma formação em Libras, qual? Para você, a Libras tem que ser ministrada nas escolas de ensino regular? Como é a sua didática na alfabetização dos surdos?

Sendo assim, trataremos primeiramente do contexto histórico: da educação, dos surdos e da educação dos surdos no Mundo e no Brasil.

Para finalizar teremos a conclusão feita acima dos questionários que relata a vivência do professor e a realidade do processo de alfabetização dos surdos.

## **2 METODOLOGIA**

Podemos considerar que um dos bens mais preciosos de um povo é a sua capacidade de comunicação através das diversas formas de linguagem. É por meio da linguagem que, na condição de indivíduos, entendemos o mundo ao nosso redor e conseguimos, dentre outras coisas, dimensionar nossos valores e nos inserir nas relações sociais.

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, extratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade (LEITE, 2005, p. 7).

É interessante notar que todas essas condições relativas à linguagem não limitam a capacidade de comunicação e interação a um determinado grupo especificamente, pois quando se fala em língua, linguagem e comunicação, na maioria das vezes só pensamos essa capacidade como competência exclusiva de sujeitos ouvintes que se utilizam de um canal oral-auditivo para se expressar. Entretanto, é preciso lembrar que no universo social existem indivíduos que se comunicam de maneira diferente dos ouvintes, utilizando-se de um canal completamente distinto e com características muito particulares, que é o canal viso-motor ou viso-espacial, são os sujeitos surdos.

Quando se fala em surdez, essa deve ser compreendida como experiência visual (SKLIAR, 1999), desestabilizando ideias preconcebidas sobre a chamada “normalidade”. Tal experiência visual não é restrita a uma capacidade de produção e compreensão especificamente linguística ou a uma modalidade singular de processamento cognitivo, mas que se traduz em todos os tipos de significações, representações e/ou produções do surdo, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural. Por esta razão, é

tão interessante entender como o indivíduo surdo, que em sua maioria está rodeado de um universo ouvinte, consegue desenvolver-se linguisticamente. Conforme Quadros:

A aquisição da linguagem inicia precocemente, a partir da relação do bebê como o seu meio. [...] A criança adquire linguagem na interação com as pessoas à sua volta, ouvindo ou vendo a língua ou as línguas, que estão sendo usadas. Embora a linguagem envolva processos complexos, a criança “sai falando” ou “sai sinalizando” quando está diante de oportunidades de usar a língua (ou as línguas). [...] Qualquer criança adquire a linguagem quando dispõe das oportunidades naturais de aquisição. (QUADROS, 2007, p. 15).

Como se pode notar, o processo de aquisição da linguagem pela criança se dá de forma natural, bastando que a mesma esteja inserida em contextos que propicie esse desenvolvimento. No caso da criança surda, no que se refere a aquisição da língua de sinais, esse processo acontece naturalmente se esta for filha de pais surdos (QUADROS, 2011).

Quando o surdo é filho de pais ouvintes, o seu desenvolvimento linguístico tende a ser tardio e, muitas vezes, incompleto, uma vez que a grande maioria dos ouvintes não tem conhecimento sobre a língua de sinais ou mesmo ainda existe muito preconceito e marginalização sobre a pessoa com surdez, ainda sendo no mundo atual, comparado à deficientes mentais e, portanto, incapazes de se comunicar adequadamente. Essa visão que se tem dos surdos, é consequência da incompreensão sobre a forma como essas pessoas enxergam o mundo, bem como por associarem a surdez com a deficiência mental.

Pensar que o surdo é deficiente mental é comum, devido às consequências do atraso na aquisição da linguagem que a maioria dos surdos sofre. As dificuldades geradas pelo atraso na linguagem envolvem todos os aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo. Uma dessas dificuldades é a abstração de conceitos, o que prende os surdos a situações mais concretas. Neste sentido, o indivíduo surdo é visto como incapaz de se desenvolver em alguns aspectos, especialmente nos aspectos relacionados com a linguagem e a aprendizagem.

No entanto, sabemos que não é bem assim, o surdo é capaz de aprender como qualquer outra pessoa. A aquisição dessa linguagem vai se dar a partir da capacitação de decodificação e percepção dos signos, produzindo assim um significado. A aquisição dessa língua se dará pela ajuda da família, pois é ela que vai criar esse significado para a criança. Da mesma forma que a mãe cria significados para os bebês ouvintes, se criara para os surdos.

[...] ao ouvir o bebê chorar a mãe o amamenta, criando o significado de fome para o choro do bebê que era apenas um reflexo desencadeado pela situação fisiológica da fome. Com base nas significações que a mãe confere às ações do bebê, ele começa a compartilhar desses significados, assim o choro e o balbucio passam a ter uma função comunicativa. (GOLDFELD, 2006, p. 58).

São essas ações simples que darão início ao processo da aprendizagem e aquisição de uma linguagem, pois o adulto é responsável por estimular a comunicação da criança e seu desenvolvimento intelectual, sendo que eles desenvolvem um conjunto de signos e os utilizam para organizarem seus pensamentos, ou seja a criança surda desenvolve a linguagem visual que será utilizada para sua socialização.

A língua de sinais vai ser adquirida por crianças surdas que tiverem a experiência de interagir com usuários de língua de sinais. Se isso acontecer, por volta dos dois anos de idade, as crianças estarão produzindo sinais usando um número restrito de configurações de mão (sugere-se que tal número de sinais expressando fatos relacionados de mão), bem como simples combinações de sinais expressando fatos relacionados com o interesse imediato, com o “aqui” e o “agora”. (QUADROS, 2006, p. 20).

Já o processo de alfabetização e letramento se concretiza a partir da aquisição da escrita, Góes explica que a “deficiência não torna a criança um ser que tem possibilidades a menos; ela tem possibilidades diferentes”, uma vez que “a linguagem não depende da natureza do meio material que utiliza, mas o que é importante é o uso efetivo de signos, seja qual for a forma de realização, desde que possa assumir o papel correspondente ao da fala” (GÓES, 1996, p.35).

Assim, podemos dizer que os sinais assumiram o papel da fala, assim a escola tem uma função importantíssima, pois ela é o primeiro espaço da qual a criança surda entra em contato com a Língua de Sinais e é por meio dela que a criança adquire a linguagem. No entanto, esta criança, para ser alfabetizada, é colocada em contato com o português escrito, só que as escolas utilizam os mesmos métodos e materiais utilizados para alfabetizar as crianças ouvintes. Este processo terá resultados se o processo de alfabetização utilizar a Língua de Sinais como primeira língua.

O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira – “a” língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados. (QUADROS, 2006, p. 24).

Podemos afirmar que alfabetizar e letrar um surdo é similar ao processo de alfabetização utilizado com as pessoas ouvintes, pois ambas são alfabetizadas com a teoria e letradas com as experiências vividas do indivíduo. A diferença é que com o surdo utilizamos os sinais para nos comunicarmos, no entanto, precisamos trabalhar mais a memorização.

## 2.1 A história da educação dos surdos no mundo

Os documentos mundiais que regem a Educação preconizam que as pessoas com necessidades especiais estão recebendo o tratamento adequado para explorar seus potenciais. Infelizmente nem sempre foi assim, a realidade de hoje é bem diferente dos tempos antigos. Através de relatos históricos pode-se ter acesso há muitas crueldades cometidas a essas pessoas que a princípio eram indefesas, pois não tinham o direito de viver em família.

Durante muitos séculos eles foram tratados como animais irracionais ou como amaldiçoados, sem direito de expressão nem tão pouco de se defenderem contra a discriminação, que na época era imbatível. Valendo ressaltar que muitas vezes eram condenados a morte.

De acordo com a história, na antiguidade, toda e qualquer pessoa que tinha algum tipo de necessidade especial, na maioria das vezes eram excluídas, não só do convívio familiar como principalmente do meio social, sendo proibidas de casar, ter ou herdar bens e viver como as demais pessoas. Sendo privadas de seus direitos básicos, ficando assim, com a própria sobrevivência comprometida, até mesmo diante de sua própria família. A sociedade da época não os via como hoje se veem as pessoas com necessidades especiais, logo porque ainda não existiam leis que identificassem os direitos e deveres dos seres humanos perante a igualdade social.

Devido à insuficiência de conhecimento, a ausência de profissionais e tecnologias avançadas, como se tem nos dias de hoje, que são capazes de diagnosticar e tratar tais necessidades. O índice de discriminação, rejeição e maus tratos para com essas pessoas era muito grande. Pois, a sociedade da época, por não entender a razão de tais deficiências não os aceitavam em convívio social. E dentre essas pessoas indefesas estavam os surdos.

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas e por isso eram abandonados ou sacrificados. [...] (GOLDFELD, 2006, p. 27).

No Egito, os surdos eram adorados como os deuses, acreditavam que eles serviam de mediadores entre os mesmos e os faraós, eles eram temidos e respeitados pela população. Já na Grécia eles eram condenados e tratados como seres incompetentes e por não possuírem uma linguagem eram considerados irracionais, assim sendo, não tinham direitos, eram marginalizados e muitas vezes condenados à morte, muitos eram atirados de penhascos.

A história mostra que existem pessoas diferentes desde os tempos mais remotos da civilização, mas são poucos os relatos escritos a respeito dessas pessoas. Na antiguidade havia duas posturas em relação às pessoas doentes, idosas ou deficientes: uma postura era a de aceitação, tolerância, outra, majoritária, que optava

pela eliminação, menosprezo ou destruição. Esse período é caracterizado pela ignorância e não aceitação do ser deficiente. (CARMO, 1991, pg. 13).

Para os gregos e romanos, os surdos não eram considerados humanos, a linguagem fazia muita diferença nos tempos passados, a questão do falar para eles era um dos fatores que justificava o pensamento. Sendo assim, quem não pensava, então não era humano. E devido a esses fatos os surdos não tinham direito a testamentos e a escolarização. “Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo, portanto sem linguagem o surdo era considerado não-humano e não tinha possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais”. (LOPES, 1997)

Somente a partir do século XIX que este conceito para com as pessoas com deficiências foi mudando, levando a sociedade da época modificar o tratamento dado a essas pessoas.

## **2.2 Educação dos surdos no Brasil**

A educação dos surdos no Brasil, iniciou durante a monarquia de Dom Pedro II. Tudo iniciou-se com a chegada do educador francês H Ernest Huet, ex-aluno do Instituto de Nacional de Surdos - Mudos de Paris, ele nos trouxe a Língua de Sinais Francesa, que causou grande influência na criação da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Do Pedro II tinha grande interesse na educação dos Surdos, pois tinha um neto Surdo, filho da princesa Isabel, que era casada com o conde D`Eu, parcialmente Surdo. Com isso ele trouxe H Ernest Huet, para trabalhar com as crianças surdas do império. Huet começa a se organizar para educar os Surdos brasileiros no Rio de Janeiro. Vendo a carência de uma escola especial para estes, ele solicita ao Imperador Dom Pedro II, um prédio, lugar este que deu origem em 26 de setembro de 1957, ao Instituto Imperial dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, hoje conhecido como INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos.

Inicialmente, o Instituto utilizava a Língua de Sinais, mas em 1911 foi obrigado a seguir a determinação do Congresso Internacional de Surdos-Mudos de Milão, adotando assim o método do oralismo puro. Dr. Menezes Vieira, que trabalhou no Instituto, defendia esse método afirmando que nas relações sociais o indivíduo Surdo usaria a linguagem oral e não a escrita, sendo esta secundária para ele. Ela acreditava ser um desperdício alfabetizar Surdos num país de analfabetos. “A fala seria o único meio de restituir o surdo-mudo na sociedade” (SOARES, 1999, p. 38).

Outros institutos fizeram parte da história da Educação dos Surdos no Brasil, dentre eles destacamos: Instituto Santa Teresinha - 1929 (funcionava como internato para meninas surdas), Escola Municipal de Educação Especial Helen Keller - 1951 e Instituto Educacional de São Paulo - IESP - 1954, este é hoje referência mundial para pesquisas e estudos na área da deficiência auditiva. Houve outras escolas que foram importantes para a educação do Surdo no Brasil e no mundo.

O desenvolvimento das línguas de sinais sobreviveu séculos aonde vários métodos de ensino foram criados onde os estudiosos procuravam de alguma forma, levar os surdos a falarem ou de algum jeito promover a comunicação com a sociedade da época.

Historicamente as concepções desenvolvidas sobre a educação de pessoas com surdez se fundamentara, e, três abordagens diferentes: a oralista, a comunicação total e a abordagem por meio do bilingüismo”. (ALVEZ, 2010, P. 7)

Esses métodos percorrem anos e mais anos procurando derrubar o muro da desigualdade e do preconceito que militava nos séculos passados sobre as pessoas com necessidades especiais, principalmente para com as que possuíam necessidades auditivas.

### **2.3 Educação de surdos em Caxingó**

O município de Caxingó, de acordo com dados do Instituto Nacional de Geografia e Estatística - IBGE (2010), possui 5.039 habitantes, se estima a existência de aproximadamente 9 surdos. O assunto de inclusão social tem recebido muita publicidade e está crescendo a conscientização da necessidade de mais pessoas para trabalhar. Com isso, inúmeras pessoas estão fazendo cursos, estão se graduando e se especializando nessa área e observado a dificuldade que é esse trabalho de alfabetização. As instituições estão começando a se preocupar com esse público.

O primeiro relato, no Caxingó, de um aluno surdo matriculado na escola regular, foi em 2005, esse aluno foste matriculado no 1º ano do ensino fundamental menor e só em 2017 (já no ensino médio) esse aluno recebeu um Instrutor de Libras para auxiliá-lo no aprendizado.

A partir daí as famílias começam a procurar pela professora local a fim de pedir ajuda para seus Surdos, assim a escola municipal passou a atender a comunidade surda.

## **3 A APRENDIZAGEM DE L2 PELO SURDO NO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO**

E através da educação que o ser humano pode buscar seu lugar na sociedade. Para o desenvolvimento de todo cidadão no âmbito social, é preciso que cada um tenha a sua identidade própria, que é construída através de relações sociais.

A consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro traduz-se no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade. (MEC/SEESP, 2001, p.8).

De repente o aluno surdo foi colocado dentro da sala de aula regular onde este encontrou grandes problemas e o principal deles foi à falta de comunicação do mesmo com os professores, pois estes não tinham conhecimento algum sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, impossibilitando assim o aprendizado do aluno.

O MEC, com o intuito de melhorar o ensino e a aprendizagem dos surdos, criou as Salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), garantindo assim um atendimento qualificado ao surdo através de uma possível educação eficaz.

O professor das salas de AEE é responsável por ensinar a Libras ao surdo, quebrando, assim, preconceitos criados por alunos ouvintes, melhorando assim o convívio social e a inclusão dos mesmos.

A Sala de Atendimento Educacional Especializado possui três momentos didáticos para se trabalhar com o surdo, são eles: Atendimento Educacional Especializado em Libras; Atendimento Educacional Especializado de Libras; Atendimento Educacional Especializado em Língua Portuguesa.

O atendimento especializado em Libras é aquele em que o professor ajuda na base conceitual dos conteúdos das disciplinas estudadas na sala de aula. Esse atendimento acontece em turno diferente ao horário de aula regular do aluno. Nesse tipo de trabalho, é imprescindível que o professor de AEE saiba Libras, pois deve ser explorado o conteúdo da sala de aula nesta modalidade. E o professor deve manter uma parceria com o professor do ensino regular para que juntos possam ajudar no aprendizado do aluno surdo.

A língua portuguesa é fundamental para que o surdo se desenvolva com competência na sala de aula regular, o atendimento nesta língua deve ser diário e visa desenvolver as competências textuais do discente.

Quando falamos em alfabetizar um surdo, a primeira pergunta que nos vem à mente é: Como estabelecer a relação grafema/fonema, já que eles não possuem a língua oral?

Os educandos ouvintes relacionam o que está escrito com o que se fala e ouve, já o surdo, irá relacionar o escrito com o que vê, por exemplo: imagens, objetos, expressões,

ações, e os sinais. O processo de aquisição da língua de sinais é semelhante ao da linguagem oral.

Para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do surdo, foram criados diversos métodos pedagógicos que auxiliam na alfabetização dos mesmos. Dentre eles destacamos: O global e o analítico - sintético.

No método global o professor deverá criar textos com uma linguagem acessível, de acordo com a faixa etária do aluno surdo e que seja simples. O objetivo desse método é dar condições para que o aluno adquira o vocabulário básico do dia a dia.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Para que uma pesquisa venha ser concretizada faz-se necessário o estudo dos fatos. Os mesmos foram submetidos a critérios de investigação e reflexão para aquisição dos resultados.

A interpretação do questionário dirigido à professora da sala de recursos, enfatiza, a trajetória da educação dos surdos nesta cidade e a importância de uma boa didática em Libras como mecanismo facilitador para a interação sócio educacional dos alunos com surdez.

A pesquisa contou com a participação de uma professora da rede municipal de Caxingó, que trabalham na sala de Atendimento Educacional Especializado, com alunos surdos. Ela se propôs a participar da entrevista e responder a todas as perguntas solicitadas.

A professora aqui citada com nome fictício: **PI, sobre sua formação** podemos dizer:

*"PI: Sou licenciada em Letras Português, com especialização em educação especial, Língua brasileira de sinais e tenho também pós em docência do ensino superior da libras, atuo como professora de nível superior há 10 anos e há 5 (cinco) anos estou no estado e há 2 (dois) anos trabalho como interprete e instrutora de Libras no Estado, possuo diversos cursos na área de Língua Brasileira de Sinais, cursos de formação e estou fazendo mestrado em Ciências da Comunicação."*

Ao ser questionada: **Para você, a Libras deve ser ministrada nas escolas de ensino regular, como disciplina obrigatória? Como você ver essa inserção da Libras nas escolas.**

*"PI: Sim, mas para isso é necessário que os professores da sala regular, tenham algum conhecimento sobre a língua de sinais, caso não, fica um pouco complicado o feedback. Nossa, ainda estamos longe, trabalho como Instrutora de Libras há apenas 2 anos e vejo que ainda não dão a devida importância para isso, há um ano venho trabalhando no processo de alfabetização de um aluno do Ensino Médio, e muitos professores dele não sabem dizer nem um oi. Já os demais colegas de sala de aula, buscam aprender e praticar a Libras junto com a gente, dou aulas grupais, e é bem divertido."*

Não basta somente a escola colocar duas línguas na sala de aula, é preciso que haja uma adequação curricular e profissionais especializados para favorecer surdos e ouvintes, a fim de tornar o ensino apropriado a cada aluno. Segundo SKLIAR (2005, p. 27): “Usufruir da língua de sinais é um direito do surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas”.

Sabemos que este fato já está sendo visto, nas políticas públicas, para capacitar professores habilitados, com formação adequada para o atendimento especializado e para o ensino de surdos, não só nas séries iniciais como nos níveis médio e superior, dando assim oportunidades para interação desses alunos nas salas comuns.

De acordo com a proposta de inclusão do MEC, toda escola deve estar preparada para receber qualquer aluno, independentemente de sua deficiência e sua diferença, no entanto sabemos que a realidade está bem distante disso tudo.

Ao questionarmos **sobre suas metodologias aplicadas na alfabetização de surdos e quais dificuldades você mais encontra**, obtivemos a seguinte resposta:

*"P1: No começo eu tive bastante dificuldade, meu aluno foi um grande desafio, ele nunca tinha tido nenhum tipo de contato com a língua de sinais, tudo que sabia era algo caseiro. Ele já estava no 2º ano do ensino médio e não sabia exatamente de nada, (estou com ele há um ano) só conhecia o seu primeiro nome: Roberto, se eu escrevesse Roberto Carlos, ele já não sabia quem era. Então comecei a conhecê-lo, antes de só "empurrar" conteúdo nele. Eu usava o primo dele (que haviam desenvolvido uma linguagem caseira) para se comunicar com ele e assim fui vendo as melhores formas de alfabetizá-lo.*

*No começo comecei com os sinais básicos, alfabeto, frutas, animais, família (foi bastante complexo ensinar a família para ele), tive que pedir fotos da família e montei uma árvore genealógica e isso demorou 3 semanas. E ao mesmo tempo que eu ensinava Libras, ensinava o português, e ia dificultando mais as coisas. Demorou cerca de 4 meses para ele conhecer os sinais selecionados e aprender a escrever e usá-los em uma frase.*

*Sobre as dificuldades, falta de recurso, não temos um local adequado para ficar, ficamos na biblioteca que também é laboratório de informática e nunca conseguimos ter privacidade, o acesso a internet é precário, preciso levar tudo da minha cidade para lá."*

### **Como você escolhe o conteúdo a ser estudado?**

*"P1: Primeiro mostrei a ele as categorias básicas e depois comecei a criar frases de acordo com o contexto e com as vivências dele. Trazia a realidade dele para a sala de aula. e ia colocando tudo isso em forma de frases e textos, fazendo-o com que raciocinasse e interpretasse o que estávamos estudando e assim ia colocando os assuntos de acordo com as suas necessidades, por exemplo: quando percebi que ele não sabia usar dinheiro e conseqüentemente as operações básicas da matemática, monte uma feira onde ele seria o vendedor e teria que comprar as frutas e assim trabalhamos números, operações e verbos relacionados. Foi aí que comecei a dividir os conteúdos, uma semana português, uma semana matemática, terceira semana ciências e geografia e na quarta semana, fazíamos uma avaliação de aprendizagem do que foi estudado no mês."*

Como última pergunta: **O surdo consegue com facilidade entender a diferença entre Libras e Português.**

*"Eu trabalho com as duas línguas, simultaneamente, só que na modalidade da Libras, é através da aprendizagem da LS que o surdo vai ter mais consciência do que é a escrita e a leitura do português. Eles são bem conscientes a cerca desse processo. Meus alunos não tem dificuldade em entender a diferença, alguns deles até conjugam verbos e conseguem fazer redação."*

É interessante notar que quanto mais se tem conhecimento sobre uma determinada realidade mais entendemos as características dos sujeitos que a constituem. Observa-se, que o aluno em estudo, possui um desenvolvimento mais maduro em relação a outros alunos surdos, pois as metodologias aplicadas no ensino de L1 e L2, são de acordo com as suas necessidades e não apenas no que o professor sabe fazer. O docente do mesmo, busca sempre novas qualificações e técnicas para melhor facilitar a aprendizagem dos discentes.

O ensino da língua de sinais é um processo de reflexão sobre a própria língua que sustenta a passagem do processo de leitura e escrita elementar para um processo mais consciente. Esse processo dará sustentação para o ensino da língua portuguesa que pode estar acontecendo paralelamente. Quando a criança lida de forma mais consciente com a escrita, ela passa a ter poder sobre ela, desenvolvendo, portanto, competência crítica sobre o processo. A criança passa a construir e reconhecer o seu próprio processo, bem como, refletir sobre o processo do outro. (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 32).

Conforme a autora fica, evidente que não podemos considerar uma criança surda como um ser sem competências cognitivas. Todo indivíduo, integrado em ambientes que lhe proporcionem as condições necessárias de desenvolvimento, terão maior facilidade de aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os surdos durante muito tempo foram discriminados, ignorados pelos ouvintes na sociedade, na escola e no trabalho. Na educação, os surdos passaram por uma trajetória massacradora e humilhante, durante séculos os alunos que apresentavam algum tipo de deficiência eram postos à margem pelas escolas, que justificavam não estar preparadas para recebê-los. Graças a luta pela igualdade de direitos e pelo respeito às singularidades, aos poucos essa realidade foi se modificando e as pessoas com necessidades foram conquistando seus espaços.

Neste trabalho, buscamos analisar as dificuldades enfrentadas por um professor da sala de atendimento educacional especializado e suas metodologias utilizadas para a alfabetização de seus alunos. Uma vez que pesquisar sobre a alfabetização de surdos tem caráter enriquecedor e gratificante, pois permite ver de perto a situação a qual se encontra a

educação do nosso estado em relação a essas pessoas, pois na realidade atual não podemos mais pensar o surdo como um doente mental, ou menos capaz em relação ao sujeito ouvinte. Se a ele forem dadas as possibilidades de se desenvolver cognitivamente, então a sociedade passará a enxergá-lo com ele realmente é: um ser que sendo respeitadas suas habilidades e competências tem todas as condições de exercer o seu papel de cidadão com autonomia e liberdade de expressão

Com a entrevista realizada e as observações feitas a cerca do desenvolvimento do aluno, podemos observar que um surdo (mesmo esse já sendo adulto), quando bem desenvolvido (quando se é utilizada as metodologias adequadas), tem a capacidade de aprendizagem e progressão contínua, podendo assim se estar incluído-participativo da sociedade e não apenas incluído em sala de aula.

#### REFERENCIAS

CAPOVILLA, Fernando C. A evolução nas abordagens à educação da criança surda: do oralismo à comunicação total, e desta ao bilingüismo. In: CAPOVILLA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 1 v. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina**. Brasília: Secretaria dos Desportos/PR, 1991.

DAMÁSIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoas com surdez**. SEESP/SEED/MEC: Brasília- DF, 2007.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2006.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro : LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, RoniceMullher de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, RoniceMullher de; SCHMIEDT, Magali L.P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

QUADROS, RoniceMüllher de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da Educação Bilingue para Surdos**. Porto alegre: Media, 1999.